

# **EIXOS FIXO E MÓVEL NO PENTECOSTALISMO CLÁSSICO: Universalização de uma religião e questões relacionadas a afinidades eletivas**

## **FIXED AND MOBILE AXES IN CLASSICAL PENTECOSTALISM: Universalization of a religion and issues related to elective affinities**

Eduardo Leandro Alves\*

### **Resumo**

O objetivo deste texto busca compreender o crescimento do pentecostalismo clássico no Brasil a partir de uma compreensão da realidade religiosa brasileira com o seu subterrâneo religioso, perpassando pela aplicação do princípio da teoria de universalização de uma religião apresentada por Clifford Geertz e a possível relação com a teoria das afinidades eletivas em Max Weber. Nesse caminho utiliza-se a metodologia da religião comparada.

**Palavras chaves:** Pentecostalismo. Ressignificação. Religiosidade Popular. Universalização. Afinidade Eletiva.

### **Abstract**

The aim of this text is to understand the growth of classical Pentecostalism in Brazil from an understanding of the Brazilian religious reality with its religious underground, through the application of the principle of the universalization theory of a religion presented by Clifford Geertz and the possible relation with the theory of elective affinities in Max Weber. In this way the methodology of comparative religion is used.

**Key words:** Pentecostalism. Re-signification. Popular Religiosity. Universalization. Elective Affinity.

### **Introdução**

Até que ponto os processos de formação social contribuem para a vivência da fé? Quais alterações se processam em determinadas práticas religiosas? As influências sociais produzem impacto na compreensão e vivência da fé? Com essas perguntas em mente buscase a hipótese de que o pentecostalismo clássico (aqui nesse texto identificado como os primeiros movimentos pentecostais que deram origem a Igreja Evangélica Assembleia de Deus com a chegada dos primeiros Missionários em 1910),<sup>1</sup> como um ramo do

---

\* Doutorando em Teologia Prática (Bolsista CAPES) e Mestre em Teologia pela Faculdades EST, em São Leopoldo/RS. Especialista em Gestão Educacional (UGF). Teólogo e professor na área de Ética, Religiosidade Popular, Sociologia da Religião e Teologia do AT e NT. Secretário Executivo da SEMAD-PB. Diretor do Centro Educacional da AD na Paraíba. Contato: eduleandroalves@hotmail.com

<sup>1</sup> Sabe-se que no mesmo período de 1910 Luiz Francescon chega ao estado de São Paulo e inicia um movimento que dará origem a igreja Congregação Cristã no Brasil (CCB), também identificada historicamente como uma igreja do período do pentecostalismo clássico, ou primeira onda dos pentecostalismos, conforme definições de: FRESTON, Paul. Pentecostalism in Latin America. *Social Compass*. Louvain: Groupe de Sciences Sociales des Religions, v. 45, n. 3, 1998.

protestantismo que soube ressignificar elementos inerentes na formação da sociedade brasileira, mantendo processos da universalização de uma religião presente no cristianismo e por meio de afinidades eletivas absorvendo e ressignificando elementos da cultura brasileira.

O objetivo do estudo sistemático da religião é, ou pelo menos deveria ser, não só descrever ideias, atos e instituições, mas determinar como e de que maneira ideias, atos e instituições particulares sustentam, deixam de sustentar ou até mesmo inibem a fé religiosa, – isto é, a firme adesão a alguma concepção supratemporal da realidade.<sup>2</sup>

Utilizando a metodologia da religião comparada, este artigo propõe um caminho que busque compreender como o pentecostalismo clássico desenvolveu-se em terras brasileiras, sem abrir mão de conceitos teológicos bem definidos e amparados pela Bíblia como regra de fé. Entretanto, partindo de uma análise epistemológica onde não está engessado em um *ponto fixo*, mas a partir desse *ponto fixo* desenvolveu processos e aproximações culturais por meio do eixo móvel (atrelado ao fixo) conseguindo ser compreendido por uma parcela significativa da população, gerando, inclusive, no decorrer do século XX influências no comportamento da coletividade brasileira.

### **Universalização de uma religião**

O desafio que persiste para uma perspectiva sociológica da religião no Brasil é que, milhões de brasileiros entregam-se diariamente a êxtases místicos e a outras tantas formas de arrebatamento religioso, possessão pelas divindades, espíritos e forças sobrenaturais, ao mesmo tempo em que outros milhões, embora não participem da possessão, acreditam piamente na possibilidade, necessidade e naturalidade delas; independente do credo religiosos que dizem professar. Acresce que tais experiências com o Sagrado têm como base crenças mágicas, utilitaristas, e imediatistas, oriundas do individualismo presente no colonizador de que nos falam os clássicos.<sup>3</sup>

Índices reconhecidos de mudança nas formas da vida social, como a urbanização, a cristalização das lealdades de classe ou crescimento de um sistema ocupacional mais complexo, não estão inteiramente ausentes, mas são certamente mais raros e equivocados na esfera religiosa, em que vinho envelhecido aparece com frequência em garrafas novas, com a mesma facilidade com que velhas garrafas

---

<sup>2</sup> GEERTZ, Clifford. *Observando o Islã*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2004, p. 15.

<sup>3</sup> Conforme Bittencourt Filho, o tipo de individualismo legado pelas elites brancas que detinham o poder colonial incluía, entre outras idiosincrasias, a ostentação pública, a rejeição do trabalho manual e a presunção de fidalguia. BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003, p. 70.

contêm vinho novo. Não só é muito difícil descobrir as maneiras pelas quais as formas da experiência religiosa mudam, se é que mudam; nem mesmo é claro que tipo de coisa devemos observar para descobrir isso.<sup>4</sup>

Desta forma, o desafio proposto e ato contínuo, significa que se deve distinguir entre a atitude religiosa em relação à experiência e os tipos de aparato social que, no tempo e no espaço, tem sido habitualmente identificados como apoio a essa atitude. Em relação as mudanças religiosas, é necessário observar os meios pelos quais tais transformações podem estar ocorrendo e se realmente, em cada fato particular, eles promovem a fé. Até porque, todo o elemento que tende a ser universal, necessita se particularizar. “Quaisquer que sejam as fontes últimas da fé de um homem ou grupo de homens, é indiscutível que ela é sustentada neste mundo por formas e arranjos sociais.”<sup>5</sup>

A fé religiosa, mesmo quando deriva de uma fonte comum, é tanto uma força particularizante quanto generalizante; e, de fato, qualquer que seja a universalidade atingida por uma dada tradição religiosa, ela surge de sua capacidade de envolver um conjunto cada vez mais amplo de concepções de vida individuais e mesmo idiossincráticas, e, de alguma forma, de sua aptidão para sustentar e elaborar todas elas. Quando tem sucesso, o resultado pode ser tanto a distorção dessas visões pessoais quanto seu enriquecimento; mas, em qualquer caso, seja deformando as crenças privadas ou aperfeiçoando-as, a tradição em geral prospera. Quando, porém, deixa de dar conta dessa tarefa, ela se congela em escolástica, ou se evapora em idealismo, ou desaparece em ecletismo; quer dizer, deixa de existir, exceto como fóssil ou sombra. O paradoxo central do desenvolvimento religioso é que, por causa do âmbito cada vez mais amplo de experiência espiritual com que a religião é forçada a lidar, quanto mais ela avança, mais precária se torna. Seus sucessos geram frustrações.<sup>6</sup>

A percepção de que as religiões podem mudar parece uma heresia em si mesma. “Pois o que é a fé, senão uma atração pelo eterno, e o que é a devoção senão uma celebração do permanente?”<sup>7</sup> Nesse ponto, surge um problema: como uma instituição intrinsecamente dedicada ao que é fixo na vida constitui tão notável exemplo de tudo o que nela muda? Voltaremos a esse assunto posteriormente, mas antes, caminhemos em direção à compreensão do conceito de *afinidades eletivas*.

### **Afinidade Eletiva**

Quando esse texto trata de afinidades eletivas, o busca fazer dentro da perspectiva que se acredita estar inserida no pensamento de Max Weber.<sup>8</sup> No entanto, Weber não faz

---

<sup>4</sup> GEERTZ, 2004, p. 15.

<sup>5</sup> GEERTZ, 2004, p. 15.

<sup>6</sup> GEERTZ, 2004, p., 27,28.

<sup>7</sup> GEERTZ, 2004, p., 28.

<sup>8</sup> WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito capitalista*. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.

uma definição clara sobre o conceito de “afinidade eletiva” (*wahlverwandtschaft*). Ele parece considera-lo evidente, suficientemente familiar a um público alemão erudito, que possui conhecimento suficiente dos escritos do romancista Goeth.<sup>9</sup> O termo *wahlverwandtschaft*, surge antes do próprio Goeth. Inicialmente, já em 1724 já se é possível encontrar essa expressão em textos de alquimistas explicando o porquê o enxofre se une aos metais, sendo essa união causada pela afinidade que possuem entre si. Sendo a “afinidade a força em virtude da qual duas substâncias procuram-se, unem-se e encontram-se numa espécie de casamento, de bodas químicas.”<sup>10</sup>

Weber, aqui e ali, dá algumas indicações sobre o seu funcionamento: quando os dois elementos – por exemplo, um *sistema social* e um *espírito cultural* – estão ligados por um “grau de adequação” particularmente elevado e entram em relação de afinidade eletiva, eles se ajustam um ao outro [*aneinander anzugleichen trachten*], até que, finalmente, “um desenvolvimento de uma unidade interior igualmente sem falhas se põe em marcha”<sup>11</sup>

A afinidade eletiva, para Weber, não é uma relação causal. É claro que as análises causais estão bem presentes em *A ética protestante e o espírito capitalista*, contudo, embora o autor pareça privilegiar ora o papel eficaz das causas econômicas, ora o das motivações religiosas, a orientação metodológica principal do livro não afirma nem a prioridade do fator econômico (“material”) nem a do religioso (“espiritual”), mas antes a congruência e a afinidade eletiva entre eles.”<sup>12</sup>

A despeito das várias interpretações que vem sendo dadas ao conceito de afinidade eletiva no passar dos anos, Lowy, defende o fato que Weber a utiliza de forma mais próxima do que Goeth utilizou, “as duas formas culturais procuram-se uma a outra, atraem-se, apropriam-se uma da outra.”<sup>13</sup>

---

<sup>9</sup> Já maduro, com 60 anos, Goethe retoma o tema da paixão avassaladora com todas as suas implicações e consequências escrevendo “As Afinidades Eletivas”. Utilizando-se do princípio químico pelo qual dois elementos agregados se separam para unirem-se a dois outros elementos, Goethe constrói uma alegoria para demonstrar a determinação das forças da natureza no tocante à atração irrefreável que junta as pessoas. O título do livro foi extraído das Ciências Naturais; trata-se de uma expressão *attractionibus electivis*, usada para designar a atração entre dois elementos químicos diferentes, mas afins. Coincidentemente a personagem feminina principal também se chama Charlotte. Ela e o marido recebem em seu castelo um amigo e uma sobrinha. Na convivência diária as afinidades entre as pessoas vão se tornando mais evidentes e com o passar do tempo uma paixão irresistível irrompe desestruturando a vida do casal. O livro coloca muitas coisas em questão: a fidelidade, o casamento e o significado do amor. A par disso, a mulher aparece no romance não como símbolo ou juguete nas mãos dos homens, mas na condição de interlocutora dotada de inteligência e de vontade.

<sup>10</sup> LOWY, Michael. *A Jaula de Aço* – Max Weber e o marxismo weberiano. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 62.

<sup>11</sup> LOWY, 2014, p., 69,70.

<sup>12</sup> LOWY, 2014, p., 70

<sup>13</sup> LOWY, 2014, 71

Portanto, a partir do uso weberiano do termo, proponho a seguinte definição: afinidade eletiva é o processo pela qual a) duas formas culturais/religiosas, intelectuais, políticas ou econômicas ou b) uma forma cultural e o estilo de vida e/ou os interesses de um grupo social entram, a partir de certas analogias significativas, parentescos íntimos ou afinidades de sentido, numa relação de atração e influências recíprocas, de escolha ativa, de convergência e de esforço mútuo. Essa definição leva em consideração os diversos níveis ou graus da afinidade eletiva, a começar pela afinidade simples, o parentesco espiritual, a congruência, a adequação interna. É importante frisar que essa última é ainda estática, cria a possibilidade, mas não a necessidade, de uma convergência ativa, de uma atração eletiva. A transformação dessa potência em ato, sua dinamização, depende de condições históricas e sociais concretas. Assim, Weber constata, por exemplo, ‘certo parentesco [Verwandschaft]’ entre o confucionismo e o racionalismo puritano. Isso não é o suficiente para criar entre eles uma relação efetiva de convergência.<sup>14</sup>

Posteriormente segue-se a atração recíproca e a escolha ativamente mútua de duas configurações socioculturais, gerando formas de interação, de estímulos recíprocos e de convergência. “Nesse grau, as analogias e correspondências começam a se tornar dinâmicas, mas as duas estruturas permanecem separadas.”<sup>15</sup> Assim, a articulação, a combinação ou a união entre essas duas configurações pode resultar numa espécie de “simbiose cultural, em que cada uma permanece distinta da outra, mas ambas estão organicamente associadas.”<sup>16</sup> Sendo em algum ponto entre esses dois últimos níveis que se situa a *afinidade eletiva* entre ética protestante e o espírito do capitalismo.

Consequentemente a afinidade eletiva depende do “grau de ‘adequação’ ou de ‘parentesco’ entre as duas formas, mas depende também de outros fatores, pois ela é favorecida ou entravada por certas condições históricas.”<sup>17</sup> Haver um certo “parentesco” não seria suficiente para que ocorra uma convergência. Ou seja, há a necessidade da ocorrência de determinados fatores históricos, sociais e culturais para que ocorra um processo de *afinidade eletiva*, que produza a seleção recíproca, de esforço mútuo e até, em certos casos, de “simbiose de duas figuras espirituais. Esse aspecto está implicitamente presente em Weber, mas é raramente desenvolvido.”<sup>18</sup>

Exatamente aqui aonde advoga-se a ideia que ocorre uma espécie de “simbiose cultural, em que cada um permanece distinta da outra, mas ambas estão organicamente associadas” que a cultura religiosa brasileira e o pentecostalismo “se atraíram”. Como explicar serem distintas e ao mesmo tempo estarem tão associadas? A soma da compreensão

---

<sup>14</sup> LOWY, 2014, 72

<sup>15</sup> LOWY, 2014, 72

<sup>16</sup> LOWY, 2014, 72

<sup>17</sup> LOWY, 2014, 72

<sup>18</sup> LOWY, 2014, 72

das afinidades eletivas com o processo da universalização de uma religião produzindo o conceito dos dois eixos nos auxilia nessa compreensão.

### **Eixos Fixo e Móvel**

Para a compreensão do desenvolvimento do pentecostalismo clássico em terras brasileiras, a contribuição de Clifford Geertz é importante. Ele ajuda na discussão da universalização de uma religião. Esse processo,

envolve sempre dois movimentos antagônicos, ambivalentes: de um lado, para difundir um sistema universal de crença e ritual este precisa se adaptar a realidades locais; do outro, luta pela manutenção de suas diretrizes específicas, isto é, pela preservação de seus princípios, o que garante a sua identidade como religião.<sup>19</sup>

Geertz, realizou uma análise comparativa sobre o desenvolvimento do Islamismo em duas culturas diferentes: Marrocos e Indonésia, concluindo que as diferenças apresentadas por uma mesma religião em lugares diferentes são geradas por tensões inerentes ao processo de universalização das religiões,<sup>20</sup> pois variam as estratégias sociais para resolver o dilema: adaptação versus preservação de princípios. Propõe-se, ainda, somar à compreensão de Geertz o conceito definido por Max Weber como “afinidade eletiva”, e dessa forma supor que o desenvolvimento do pentecostalismo clássico no Brasil foi favorecido por questões sociais bem particulares da formação do povo brasileiro, que por afinidade, entre todas as possibilidades da teologia evangélica já presente, optou pelo pentecostalismo, por afinidade cultural.

*Por afinidade eletiva, reforça-se a ideia que é:*

Um conceito que nos permite justificar processos de interação que não dependem nem da causalidade direta, nem da relação "expressiva" entre forma e conteúdo (por exemplo, a forma religiosa como "expressão" de um conteúdo político ou social). [...] Naturalmente, a afinidade eletiva não se dá no vazio ou na placidez da espiritualidade pura: ela é favorecida (ou desfavorecida) por condições históricas ou sociais. [...] Neste sentido, uma análise em termos de afinidade eletiva é perfeitamente compatível com o reconhecimento do papel determinante das condições econômicas e sociais”.<sup>21</sup>

---

<sup>19</sup> GEERTZ, 2004, p. 32.

<sup>20</sup> Um fenômeno só se universaliza quando se consegue particularizar, em outras palavras, Deus fala dialetos.

<sup>21</sup> LÖWY, Michael. *Redenção e utopia*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989, p. 18. Em seu livro: *Jaula de Aço*, Michael Löwy, dedica algumas páginas (Capítulo 3) ao conceito “afinidade eletiva” que era voz corrente na época de Weber na Alemanha. Suspeita-se que o termo era de Johann Wolfgang Goethe. Em alemão – Die Wahlverwandtschaften. Michael faz um inventário de usos chegando a dez. São muitas afinidades. Citamos duas: entre uma visão religiosa e uma categoria profissional; entre uma ética religiosa racional e uma categoria comercial. Algumas obras temos no Brasil, e em português. LOWY, Michael. *A Jaula de aço* – Max Weber e o Marxismo Weberiano São Paulo, Boitempo, 2014.

A junção destes dois pensamentos leva ao conceito dos “dois eixos”, onde há um fixo e outro móvel. O fixo seria o eixo teológico, mais definido, mais claro e comum a todos (mesmo na diversidade). O eixo móvel seria o que se aproximaria às expressões culturais do povo, como por exemplo, o estilo musical.<sup>22</sup>

A fé no pentecostalismo clássico, se expressa no conhecimento da doutrina permeada pela experiência no Espírito, daí poder utilizar a expressão “protestantismo de reta doutrina” cunhada por Rubem Alves.<sup>23</sup> Nesse sentido, o bom cristão é quem domina com maestria as sagradas letras, quem conhece os artigos de fé, quem defende a sã doutrina contra os “filhos de Satanás”. Nesse eixo fixo há *nuances* que produzem uma espécie de *assembleianismo mínimo*.

Dois elementos se entrecruzam quando atentamos para o campo pentecostal assembleiano. O primeiro deles é a forma *sui generis* de combinação dos sistemas de governo congregacional (em que as igrejas têm autonomia) e episcopal (em que o poder está concentrado nas mãos de um bispo, no caso o pastor-presidente de cada ministério). Se por um lado tal sistema foi um dos responsáveis pela dilatação numérica da denominação em níveis não vistos em qualquer outro movimento evangélico no país, por outro lhe abriu inúmeras fissuras, que suprimiram a sua homogeneidade. Sem conhecer essas características das ADs não é possível entender o porquê da existência de tantos Ministérios concorrentes.

Outro aspecto de equivalente importância é a forma como, paralelo a esse processo de institucionalização e fragmentação, desenvolveram-se no interior do campo práticas culturais que dão forma a um “padrão clássico” de cultos das ADs e também a um comportamento social típico de seus membros. Tais práticas nada mais são do que a manifestação das representações criadas em torno da pergunta: “o que significa ser um assembleiano?” Com o passar do tempo e da adaptabilidade das ADs a novos contextos sociais, as respostas se diversificaram. No entanto, trabalhamos nesse texto com a hipótese de que é possível reconhecer entre as variadas vertentes da denominação uma espécie de “assembleianismo mínimo”, ou seja, um “jeito assembleiano de ser pentecostal”, que se expressa em atividades litúrgicas e comportamentais, que distinguem as ADs de outras igrejas pentecostais e que configuram em práticas e representações sociais manifestas em maior ou menor medida nas atividades semanais realizadas na infinidade de templos das ADs espalhados pelo país.<sup>24</sup>

No culto pentecostal, o fiel: participa, canta as suas músicas e tocam os seus instrumentos, onde a musicalidade nas igrejas são implantadas com bandas<sup>25</sup> baseadas na

<sup>22</sup> ALVES, Eduardo Leandro. *Brasil: Um país de fé*. Por que o Maior país católico do mundo também é o maior país pentecostal? 2012. XX f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação da Faculdades EST. São Leopoldo, RS, 2012, p., 63.

<sup>23</sup> Embora Rubem Alves não tenha escrito a referência protestantismo de Reta Doutrina para se referir especificamente a Pentecostais, as expressões podem ser aplicadas em relação a ortodoxia dos teólogos pentecostais. O livro foi publicado originalmente em 1979 e em 2005 teve uma alteração no título: *Religião e Repressão*. A extensão do termo "Protestantismo" foi ampliada para "Religião", uma palavra muito mais ampla, que mereceu na nova edição oito páginas sob o título: Trinta anos depois. Também reconhecemos o tom crítico com o qual esse texto foi escrito. ALVES, Rubem. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo: Ática, 1979.

<sup>24</sup> FARJADO, Maxwell Pinheiro. O campo religioso assembleiano: transformação e estratégias. In: OLIVEIRA, David Masquiati (Org). *Pentecostalismos em diálogo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014, pp., 85,86.

<sup>25</sup> Essas bandas de músicas são verdadeiras fanfarras. Deve se lembrar que no início do século XX, por exemplo, as marchinhas de carnaval eram tocadas por bandas de instrumentos de sopro e percussão.

pluralidade cultural, onde desde a gaita no Rio Grande do Sul até a sanfona no Nordeste são expressões litúrgicas/culturais de expressão do Sagrado. Os ritmos podem variar, mas o conteúdo teológico é o mesmo, pois o eixo fixo é mantido. Possivelmente, em linguagem sociológica, a aceitação, e o conseqüente desenvolvimento do pentecostalismo na sociedade, tenha mais sentido por uma “afinidade eletiva” do que por planejamento por parte de seus fundadores no Brasil.

Uma sociedade na qual existe um “subterrâneo religioso” místico, como demonstrado, não teve no pentecostalismo um rival no sentido de negação das realidades espirituais, mas sim de ressignificação. O “eixo móvel” se moveu em direção a cultura, gerando ressignificações. O mundo espiritual permaneceu no seu lugar com “anjos e demônios”. Tendo o Pentecostalismo produzido ressignificado, por exemplo na noção da “promessa”. O que vem a ser a promessa no catolicismo?

O Catecismo da Igreja diz que: “Em várias circunstâncias o cristão é convidado a fazer promessas a Deus... Por devoção pessoal o cristão pode também prometer a Deus este ou aquele ato, oração, esmola, peregrinação, etc. A fidelidade às promessas feitas a Deus é uma manifestação do respeito devido à majestade divina e do amor para com o Deus fiel” (§2101).

Também o voto é aprovado pela Igreja:

“O voto, isto é, a promessa deliberada e livre de um bem possível e melhor feita a Deus, deve ser cumprido a título da virtude da religião” (CDC, cân. 1191,1) O voto é um ato de devoção no qual o cristão se consagra a Deus ou lhe promete uma obra boa. Pelo cumprimento de seus votos, o homem dá a Deus o que lhe prometeu e consagrou. Os Atos dos Apóstolos nos mostram S. Paulo preocupado em cumprir os votos que fizera” (Hb 9,13-14). (Cat. §2102).<sup>26</sup>

O texto acima é uma citação oficial retirada do site da Canção Nova (movimento carismático católico romano), com citações diretas do catecismo católico, mas na prática, na religiosidade popular, a realidade é outra, pois como demonstrado, o “grosso” da população segue um caminho próximo ao misticismo que o próprio texto oficial condena. Pois as trocas que se desenvolvem no catolicismo popular obedecem a uma “ética da barganha” ou do que se convencionou a chamar de “religiosidade da troca,” em que a promessa expressa um pacto entre o santo que age como intermediário na concessão do pedido ao fiel, enquanto este se compromete a realizar o sacrifício em troca do bem alcançado.<sup>27</sup>

<sup>26</sup> No site da Canção Nova percebe-se claramente o esforço no texto para combater as práticas da religiosidade popular atreladas a questão da promessa. <https://formacao.cancaonova.com/igreja/doutrina/promessas-supersticiosas-magias/> Acesso em 10 de Março de 2019.

<sup>27</sup> MARTIN, Eliane Cordeiro Sanchez; ANDRADE, Maristela Oliveira de. Religiosidade popular, santos, magos e feiticeiros: um estudo etnográfico no ligeiro Paraíba. *Religare*, v. 7. n. 2, 2010, p., 117-126. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/viewFile/9784/5355> Acesso: 8 de Março de 2019.

Mauss em sua teoria do sacrifício diz que “em todo sacrifício há um ato de abnegação, já que o sacrificante se priva e dá.”<sup>28</sup> Nesse caso há dois mecanismos de sacrifício: os deuses que exigem o sacrifício, ou o seu culto, e do outro a renúncia do sacrificante que não é desinteressada, mas ao contrário é egoísta porque espera a retribuição. Com relação aos pagamentos das promessas, existem várias modalidades, que vão desde os festejos aos padroeiros, às rezas de terço, às romarias individuais ou coletivas. Todas essas práticas são chamadas de “ritos de pagamento” na religiosidade popular.<sup>29</sup>

No pentecostalismo tais ações foram ressignificadas, a promessa ao santo foi assumida pelo fiel como o *voto* a Deus. Se no caso da promessa havia um santo intermediário e elementos sincréticos estavam envolvidos caracterizando a ideia de sacrifício conforme a definição de Mauss citada acima, a proposta do *voto* pelo fiel no pentecostalismo elimina o intermediário, é feita diretamente a Deus, sem que por ele seja exigido, mas é uma ação que parte do fiel. Uma vez que o voto é feito, ao se receber o que foi pedido deve-se cumprir o que foi prometido, conforme a interpretação dada ao texto bíblico de Eclesiastes 5.1,4: “Guarda o teu pé, quando entrares na casa de Deus; porque chegar-se para ouvir é melhor do que oferecer sacrifícios de tolos, pois não sabem que fazem mal. Quando a Deus fizeres algum voto, não tardes em cumpri-lo; porque não se agrada de tolos; o que votares, paga-o.” Alguns elementos permanecem inalterados na lógica: ao se fazer um *voto*, sempre é feito com a intenção de se obter algum favor Divino, uma cura, trabalho para quem está desempregado, uma promoção no serviço, etc. Também pode-se fazer um *voto* para que essa “graça” de Deus alcance outra pessoa na sua necessidade. Se propõe a realização de votos para conseguir a “graça” necessária da parte de Deus, e ao receber de Deus o pedido feito, deve-se pagar o voto. Seja uma oferta financeira, um testemunho em um culto litúrgico na igreja, um culto em sua casa, entre outras.

Schultz argumenta que “a presença de Deus não é propriedade exclusiva das pessoas que vão aos cultos e ritos religiosos: é propriedade da cultura brasileira. É tão potente que não é sequer, propriedade da religião; é um dado indelével do imaginário brasileiro e não apenas religioso.”<sup>30</sup>

Embora a hermenêutica pentecostal esteja permeada de experiências individuais que, inevitavelmente, perpassam a interpretação do fiel, a relação da teologia pentecostal está

---

<sup>28</sup> MAUSS, M. Esboço de uma teoria geral da magia. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974, p. 106.

<sup>29</sup> MARTIN; ANDRADE, 2010, p. 118.

<sup>30</sup> SCHULTZ, 2008, p. 37.

intimamente atrelada a compreensão do fiel a ter a Bíblia como Palavra de Deus, e desta forma inerrante. O conceito de *eixo fixo* está ancorado nessa compreensão. Tanto as notas explicativas da Bíblia de Estudo Pentecostal quando a Declaração de Fé das Assembleias de Deus, por exemplo, deixa esse conceito de autoridade da Bíblia muito claro.

Negar a inspiração plenária das Sagradas Escrituras, portanto, é desprezar o testemunho fundamental de Jesus Cristo (Mt 5.18;15.3-6; Lc 16.17;24.27-27,44,45;Jo 10.35), do Espírito Santo (Jo 15.26; 16.13; 1Co 2.12-13; 1Tm 4.1) e dos apóstolos (Jo 3.16; 2Pe 1.20,21). Além disso, limitar ou descartar a sua inerrância é depreciar a sua autoridade divina.

As Sagradas Escrituras são o testemunho infalível e verdadeiro de Deus, na sua atividade salvífica em favor da humanidade, em Cristo Jesus. Por isso, as Escrituras são incomparáveis, eternamente completas e incomparavelmente obrigatórias. Nenhuma palavra de homens ou declarações de instituições religiosas igualam-se à autoridade delas.

Qualquer doutrina, comentário, interpretação, explicação e tradição deve ser julgado e validado pelas palavras e mensagem das Sagradas Escrituras.

As Sagradas Escrituras devem se recebidas, cridas e obedecidas como autoridade suprema em todas as coisas pertencentes à vida e à piedade (Mt 5.17-19; Jo 14.21;15.10; 2Tm 3,15,16). Na Igreja, a Bíblia deve ser a autoridade final em todas as questões de ensino, de repreensão, de correção, de doutrina e de instrução na justiça (2Tm 3.16,17). Ninguém pode submeter-se ao senhorio de Cristo sem estar submisso a Deus e a sua Palavra como autoridade máxima (Jo 8.31,32,37).<sup>31</sup>

Esses mesmos conceitos são repetidos na Declaração de Fé explicando a quantidade de livros, o porque se usa os 66 livros (assim como as demais igrejas protestantes) e o propósito da Bíblia: “revelar o próprio Deus e expressar a sua vontade à humanidade.”<sup>32</sup> O fato é que o fiel pentecostal lê o texto de forma simples e o faz como modelo para a vida, sem a ansiedade de saber como tais histórias de encaixam em grandes sistemas teológicos e de grandes complexidades. Leem o texto e interpretam como Deus lhe falando pessoalmente. As histórias do texto bíblico tornam-se suas histórias.<sup>33</sup>

Cito um fato: no final de 2018 acompanhei um grupo de membros da igreja que regularmente fazem visitas com caráter de apoio espiritual aos apenados da Penitenciária Dr Silvio Porto na cidade de João Pessoa, na Paraíba. Por ser uma penitenciária de segurança máxima, os presos estavam confinados em seus pavilhões, no entanto, por ser final de ano e haver confraternizações, foi autorizado a um grupo de apenados de bom comportamento e que participavam regularmente das atividades religiosas durante o ano, estarem fora das celas e participarem do culto e da refeição que foi posteriormente oferecida. Pois bem, um dos apenados teve a palavra e pregou naquela tarde. Eis um resumo da sua mensagem e que

<sup>31</sup> BIBLIA. Estudo Pentecostal, 1995, p. 1882.

<sup>32</sup> SILVA, Esequias Soares da (Org.). *Declaração de fé das Assembleias de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 27.

<sup>33</sup> MENZIES, Robert. *Pentecostes*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 32.

se encaixa no que estamos dizendo: Ele leu o texto do livro do profeta Jonas no qual o profeta fez uma oração no ventre do peixe, sendo ouvido por Deus e com isso recebido uma nova oportunidade de cumprir a primeira ordem recebida de ir a Nínive. Então aquele irmão falou: “nós somos como o profeta Jonas. Desobedecemos a Deus e fomos punidos por isso. Pecamos, erramos e estamos condenados. Mas assim como Deus ouviu a oração de Jonas do ventre de um peixe, Ele pode ouvir as nossas orações de dentro dessas celas e nos dá uma outra oportunidade para fazermos o que é certo!”

Ele não estava preocupado se há algum ser vivo no fundo do oceano capaz de engolir um ser humano, se é uma fábula, essas preocupações não existem, ou não são primárias. “Por isso, chegar ao texto como Palavra de Deus para o pentecostal é trata-lo como mecanismo de comunicação, com seus gêneros literários, perspectivas culturais e sociais.”<sup>34</sup> O eixo fixo se mantém na centralidade da Bíblia como Palavra de Deus. O fato de haver uma ênfase no Espírito pode gerar uma percepção no observador de algo não racional, no entanto, torna-se quase que ofensivo dizer a um pentecostal clássico que não há racionalidade na sua forma de adoração, de viver a fé.

Dentro do contexto doutrinário do pentecostalismo clássico da Assembleia de Deus a individualização da fé, o incentivo à experiência pessoal caminha até o limite da Bíblia como palavra de Deus inspirada, regra de fé. A Bíblia é vista como a base da fé, e não a experiência. A experiência tem o seu lugar, no entanto precisa ser ancorada no texto Sagrado, caso contrário, torna-se apenas uma experiência do indivíduo, mas não pode ser parte da base doutrinária da coletividade. A Bíblia nesse caso, a ortodoxia, tão cara, por exemplo aos teólogos do conselho de doutrina da CGADB, também poderia ser comparada ao que convencionou a ser chamada de “reta doutrina”, seria o limite do eixo fixo. Um exemplo claro são as palavras do Pr. Elienai Cabral, um dos teólogos do pentecostalismo clássico:

Na celebração do centenário do movimento pentecostal no Brasil, a essência de suas doutrinas é vista como a ênfase dada à liberdade de expressão espiritual mediante a manifestação dos dons do Espírito Santo. São 100 anos que trouxeram o movimento à maturidade. Essa maturidade, contudo, precisa ser passada em revista em busca de um equilíbrio doutrinário cujo fiel da balança deve ser a Bíblia Sagrada, a Palavra de Deus.<sup>35</sup>

<sup>34</sup> OLIVEIRA, David Mesquiat de; TERRA, Kenner R. C. *Experiência e Hermenêutica Pentecostal: reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 44.

<sup>35</sup> CABRAL, Elienai. *Teologia Pentecostal*. Palestra na VI Semana de Teologia da Faculdade FAIFA. Disponível em: <<http://www.faiifa.com.br/home/images/stories/biblioteca/semanaassembleiana/2011/construcao%20da%20doutrina%20pentecostal.pdf>>. Acesso em 20 de Janeiro de 2019.

### Considerações finais

Como se é possível perceber, a religiosidade popular brasileira está carregada de elementos, costumes e práticas que atravessaram os séculos, herança dos colonizadores, e dos povos que por aqui estiveram, tais como índios, ibéricos e africanos. A religiosidade popular é uma encarnação diversa daquela oficial romana. Dentro de um universo simbólico e de uma linguagem e gramática diferente, exatamente aquelas peculiares aos populares, esse constitui um sistema diferente de tradução do cristianismo dentro de condições concretas da vida humana.

É justamente dentro dessa população que possui um sistema diferente de compreensão (tradução) do cristianismo oficial romano que o pentecostalismo floresce. A questão a ser observada é o equilíbrio que parece ter havido entre os dois eixos, fixo e móvel. Com o passar dos anos (108 anos) parece que em muitas questões o pentecostalismo começa a abrir mão de um dos dois eixos. Ao que parece, por exemplo, o neo-pentecostalismo abriu mão do eixo fixo, mais consistente teologicamente e se apegou ao eixo móvel que gera uma assimilação cultural sem muito (ou nenhum) filtro minimizando a importância de uma teologia Bíblica exegética ancorada nas Escrituras e não na experiência. Produzindo a cada dia modelos de acordo com o “mercado consumidor religioso”. Por outro lado, também percebe-se que há um movimento contrário, onde o apego ao eixo fixo produz uma rejeição ao eixo móvel, ou seja, perde-se a relevância cultural, a capacidade de ser compreendido na sua geração, inclusive sacralizando métodos, ou formas, como se fosse a única maneira possível de se comunicar a fé. O desafio permanece o mesmo, equilibrar-se a partir dos dois eixos: o fixo que sustenta as doutrinas basilares no qual o móvel se moverá em direção à cultura.

### Referências

- ALVES, Rubem. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo: Ática, 1979.
- ALVES, Eduardo Leandro. *Brasil: Um país de fé. Por que o Maior país católico do mundo também é o maior país pentecostal?* 2012. XX f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação da Faculdade EST. São Leopoldo, RS, 2012.
- BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- BÍBLIA Sagrada. *Bíblia de estudos pentecostais*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.
- CABRAL, Elienai. *Teologia Pentecostal*. Palestra na VI Semana de Teologia da Faculdade FAIFA. Disponível em:

<<http://www.faiifa.com.br/home/images/stories/biblioteca/semanaassembleiana/2011/construcao%20da%20doutrina%20pentecostal.pdf>>. Acesso em 20 de Janeiro de 2016.

CANÇÃO NOVA, Igreja doutrina e superstições. <https://formacao.cancaonova.com/igreja/doutrina/promessas-supersticoes-magias/> Acesso em 10 de Março de 2019.

FARJADO, Maxwell Pinheiro. O campo religioso assembleiano: transformação e estratégias. In: OLIVEIRA, David Masquiati (Org). *Pentecostalismo em diálogo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014, p. 85-86.

FRESTON, Paul. Pentecostalism in Latin America. *Social Compass*. Louvain: Groupe de Sciences Sociales des Religions, v. 45, n. 3, 1998.

GEERTZ, Clifford. *Observando o Islã*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2004.

LOWY, Michael. *A Jaula de Aço – Max Weber e o marxismo weberinao*. São Paulo: Boitempo, 2014.

\_\_\_\_\_. *Redenção e utopia*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989, p. 18.

MARTIN, Eliane Cordeiro Sanchez; ANDRADE, Maristela Oliveira de. Religiosidade popular, santos, magos e feiticeiros: um estudo etnográfico no ligeiro Paraíba. *Religare*, v. 7. n. 2, 2010, p., 117-126. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/viewFile/9784/5355> Acesso: 8 de Março de 2019.

MAUSS, M. Esboço de uma teoria geral da magia. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MENZIES, Robert. *Pentecostes*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

<sup>1</sup>OLIVEIRA, David Mesquiati de; TERRA, Kenner R. C. *Experiência e Hermenêutica Pentecostal: reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

SCHULTZ, Adilson. Estrutura teológica do imaginário brasileiro. In: BOBSIN, Oneide et al.( orgs). *Uma religião chamada Brasil: estudos sobre religião e contexto brasileiro*. 2. ed. São Leopoldo: Oikos; Faculdades EST, 2012. p. 29-62.<sup>1</sup>

SILVA, Esequias Soares da (Org.). *Declaração de fé das Assembleias de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito capitalista*. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.